



PLANEJANDO A VIDA: SIMULACOES DE SITUACOES REAIS EM ORCAMENTO E PLANEJAMENTO PESSOAL

Matheus Cardoso Dias¹
Carolina Cristina Rosa Netto²
Mario Rocha Passos³
Aroldo Jose De Oliveira⁴

RESUMO

Este relato apresenta uma experiência da apresentação de educação financeira realizada com estudantes do ensino médio em uma escola pública da rede estadual, para a construção de uma vida equilibrada e consciente. Foram propostas atividades envolvendo situações do cotidiano, como elaboração de orçamentos, o controle de despesas, o enfrentamento de imprevistos e a definição de metas, o estudo propõe atividades práticas que aproximam os estudantes da realidade econômica vivida por grande parte da população brasileira. Essas atividades, como rodas de conversas, discussão sobre os tipos de juros, inflação, o valor do dinheiro incentivam a análise crítica dos hábitos de consumo, promovem o uso responsável do dinheiro e reforçam a importância do planejamento para alcançar estabilidade e autonomia financeira. A metodologia adotada, baseada em dinâmicas e estudos de caso, favorece o desenvolvimento de habilidades como tomada de decisão, organização financeira e priorização de objetivos. Durante a aplicação das atividades, observamos que os alunos, ao vivenciarem os desafios financeiros simulados, compreenderam melhor as consequências de suas escolhas e se sentem mais preparados para lidar com o dinheiro de forma responsável.

Palavras-chave: Consumo responsável, responsabilidade financeira, planejamento pessoal

¹ Graduando do Curso de Matematica da Universidade Federal de Rondonopolis- MT,
matheus.cardoso@aluno.ufr.edu.br;

² Graduando do Curso de Matematica da Universidade Federal de Rondonopolis- carolina.c@aluno.ufr.edu.br;

³ Graduado no Curso de Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT,
mario.passos10@hotmail.com;

⁴ Doutor, Intituto de Ciências Exatas e Naturais - UFR, arloido.oliveira@ufr.edu.br.

INTRODUÇÃO

A educação financeira se tornou uma habilidade essencial para o bom exercício da cidadania e, também, pra enfrentar as complexas demandas do mundo atual. Perante mudanças econômicas e sociais, é superimportante entender como o dinheiro, os juros e taxas funcionam, junto dos mecanismos de consumo, a fim de garantir uma vida balanceada. No Brasil, considerando as desigualdades e a baixa alfabetização financeira, é necessário promover práticas pedagógicas efetivas que ensinem os jovens a pensar sobre a administração de recursos e o planejamento de metas, tanto pessoais quanto familiares.

Este relato apresenta as ações do projeto “Planejando a Vida: Simulações de Situações Reais em Orçamento e Planejamento Pessoal”, que ocorreu na Escola Estadual Adolfo Augusto de Moraes no período entre o início do ano letivo até setembro. A motivação surgiu da observação de que vários alunos, mesmo lidando com dinheiro de maneira recorrente, mostravam dificuldades em entender conceitos básicos de economia e finanças pessoais, o que pode atrapalhar a autonomia e a estabilidade financeira deles no futuro.

O objetivo principal era educar os alunos sobre o valor da educação financeira, permitindo que eles compreendessem e praticassem o uso inteligente do dinheiro. Especialmente, o plano era: (a) promover a compreensão de conceitos tipo juros simples e compostos, alíquotas e inflação; (b) estimular a análise cuidadosa dos hábitos de consumo; e (c) motivar o planejamento e a definição de metas financeiras.

Conforme a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2020), a educação financeira deveria ser contínua, permitindo que as pessoas tomassem decisões mais sábias e responsáveis sobre suas finanças. Essa ideia transforma a escola num espaço ideal para formar indivíduos críticos, autônomos e socialmente ativos. Assim, a experiência tentou combinar teoria e prática, juntando conhecimentos de matemática, economia e ética em atividades práticas.

A importância desta experiência fica clara pela necessidade de incluir a educação financeira na escola, de forma prática e interessante, mostrando aos alunos situações reais que envolvem decisões financeiras.

Assim sendo, o ensino ultrapassa a esfera da teoria pura, comunicando-se com a vida prática dos alunos, tornando-os aptos a compreender os efeitos das suas escolhas financeiras e perceber a importância do planejamento pessoal para uma vida com mais futuro.

METODOLOGIA

A experiência foi tocada na Escola Estadual Adolfo Augusto de Moraes, com os discentes do ensino médio, durante o início do ano letivo até setembro. Cerca de 20 discentes



participaram, com idades entre 15 e 17 anos, e tudo sob o comando e supervisão do professor de matemática e PIBIDIANOS.

A experiência, que ocorreu na Escola Estadual Adolfo Augusto de Moraes, pegou as turmas do ensino médio, em específico, 2º ano, durante um tempo que foi do começo das aulas até setembro. Cerca de 20 alunos, com idades de 15 e 17, com a ajuda do professor de Matemática, colaborador da instituição que tem experiência com mercado de ações e bolsa de valores, e pessoal externo, da cooperativa de crédito Sicredi.

A metodologia usada foi mais qualitativa e descritiva, seguindo a pesquisa-ação. Thiolent (2002) diz que a pesquisa-ação faz as pessoas participarem ativamente, ajudando a gente a aprender coisas novas, observando o que acontece no dia a dia. Essa escolha foi feita para que os alunos pudessem ver situações de verdade, pensando bem sobre elas, com a ideia de mudar a vida de todos que estavam lá.

As atividades se dividiram em quatro partes principais: (1) começar a entender e fazer um diagnóstico; (2) aprender sobre finanças; (3) simular situações de verdade; e (4) pensar e avaliar.

Em cada etapa, o objetivo era conjugar conteúdos teóricos e práticos, para fomentar a aprendizagem, usando a problematização e a experiência. Inicialmente, começou uma conversa aberta, tentando obter as ideias e vivências pregressas dos alunos sobre o uso do dinheiro. Depois, houve vídeos instrutivos, abordando coisas como consumo esperto, taxas, dívidas e economia. Essa fase tinha a meta de despertar o interesse e medir o nível de conhecimento dos estudantes.

O segundo momento consistiu em aulas faladas sobre economia doméstica e matemática financeira. Foram vistos conceitos de orçamento pessoal, juros simples e compostos, inflação e poder de compra. Pra deixar o aprendizado mais legal, as conversas foram em situações do dia a dia, mostrando o parcelamento, o uso do cartão e a inflação no preço das coisas.

Na terceira parte, atividades impressas em que aplicavam conhecimentos obtidos durante as aulas teóricas, conversas, vídeos instrutivos

Em cada atividade, houve um cenário inventado, onde experienciavam ocorrências da vida adulta, como pagar contas, juros de cartões, desconto em folha de pagamento(holerite),

A atividade foi, além disso, acompanhada por um acréscimo, uma palestra exposta por membros do Sicredi. Estes discutiram assuntos cruciais tipo economia, aplicações financeiras, e o cooperativismo no sistema financeiro.

Em outro momento, houve uma palestra de um colaborador da escola, que atua na parte de manutenção e organização do espaço aberto da escola, onde o mesmo transmitiu conhecimento de mercado de ações e bolsa de valores, explicitando que, caso os alunos, futuramente quisessem obter uma renda passiva extra, com o conhecimento necessário, poderiam atuar como acionistas de grandes empresas, recebendo parte de seus lucros por ser “dono de um pedaço” da empresa.





Ademais, os alunos vivenciaram um estágio de debate, relatando as resoluções de simulações, e refletiram sobre os contratemplos notados. A estratégia utilizada, unida e

integrada, objetivou motivar a independência dos alunos, potencializando o raciocínio crítico e decisões pensadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação financeira, segundo Lusardi e Mitchell, em 2014, é mais que conhecimento; e sim um conjunto de habilidades, tornando as pessoas aptas a tomar decisões precisas sobre seus dinheiros. Em escolas, esse tema ganha relevância, ajudando a desenvolver competências que vão além da economia, impactando ética, sociedade e a mente.

Para Freire (1996), a problematização é essencial para promover autonomia e senso crítico. Baseado nisso, o projeto visou um aprendizado bom, nascido das experiências dos alunos, com os temas teóricos. O ensino de educação financeira não se resumiu a só contas e fórmulas, virando um lugar de conversa e construir conhecimento.

Segundo Vygotsky (1998), a aprendizagem ocorre nas interações sociais e culturais.

Com as atividades em grupo e as discussões sobre dinheiro, os estudantes puderam construir significados bacanas, tudo graças às interações com a entre si e com o professor e PIBIDIANOS.

A "zona de desenvolvimento proximal" aparece como algo muito chave. Ela mostra que os alunos se desenvolvem quando o assunto e poder monetário, quando são desafiados e se ajudam.

E, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) coloca a educação financeira como algo super importante na educação básica, ligada na formação geral dos alunos.

O documento firma a ideia de que é preciso aprender a planejar, decidir e até avaliar os riscos, em situações que envolvem cédulas. Isso fortalece o papel da escola, que deve formar cidadãos independentes e que pensam por si mesmos.

D'Ambrosio (2002) reforça esse tópico, defendendo uma educação que entenda as questões culturais e sociais da matemática, ligando isso com a vida dos alunos. Para ele, o conhecimento da escola tem que conversar com o dia a dia, respeitando as vivências e as peculiaridades de cada lugar.

Assim, ao examinarmos educação financeira pela ótica da etnomatemática, conseguimos vislumbrar como distintas comunidades lidam com dinheiro, crédito e gastos. Morin (2001) defende, então, a crucial urgência de uma "educação pra complexidade", indo além da separação do saber e impulsionando uma visão geral do contexto.



Nesse cenário, a educação financeira surge forte, como uma área ideal para o desenvolvimento do pensamento complexo, abarcando elementos econômicos, emocionais, sociais, ambientais. O esquema das ligações entre consumo, sustentabilidade e responsabilidade social amplia o alcance e a importância do aprendizado.

Saviani (2008), além disso, expande essa discussão ao afirmar que a escola deveria juntar conhecimento científico com a vida, promovendo uma educação crítica e libertadora. O projeto "Planejando a Vida" se encaixa perfeitamente aqui, permitindo aos estudantes refletirem sobre suas ações financeiras, além de perceber o poder transformador da educação em suas vidas individuais e em grupo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados colhidos no projeto, mostraram bons resultados, tanto na compreensão da teoria quanto, também, nas posturas financeiras dos alunos. Globalmente, observou-se, de fato, um aumento do saber sobre temas como orçamento familiar, juros e consumo mais criterioso, além do aprimoramento das habilidades sobre responsabilidade e planejamento.

Nas atividades simuladas, os estudantes participaram bastante, e com curiosidade para superar os desafios. Alguns alunos disseram nunca ter pensado da maneira que os temas foram apresentados durante o projeto, no valor do dinheiro, ou a tal obrigação de priorizar despesas.

Os debates e as palestras também foram bons pra instigar a consciência crítica. Com frequência, os alunos relacionavam as discussões a casos familiares, mostrando situações de dívidas e consumos excessivos, viu? Essa reflexão mostra que entenderam os conteúdos e usaram o aprendizado na vida pessoal.

A atuação da Sicredi, como cooperativa, demonstrou ser muito importante, para os estudantes entenderem melhor o sistema financeiro, bem como as alternativas de investimento. A ajuda dos profissionais dessa área, nossa, ajudou a ligar a teoria à prática, mostrando que usar o dinheiro com consciência exige disciplina, informações, e metas bem claras

Do ponto de vista pedagógico, o projeto ajudou muito a escola, fortalecer seu papel de formar cidadãos críticos e independentes. A mistura da teoria com a prática, com uso de metodologias ativas, provou ser super eficaz para um aprendizado relevante. Como o Demo (2000) fala, a aprendizagem prática é crucial para criar habilidades que duram, afinal, permite experimentar e refletir sobre erros e acertos.

Um dos problemas notados foi o desafio de lidar com a falta de interesse inicial de alguns alunos, que achavam o tema meio fora da escola. Mas, com atividades mais dinâmicas





e que ligavam o assunto ao dia a dia deles, a gente viu que a participação e o envolvimento aumentaram bastante.

Outro ponto que precisa de melhoria é a necessidade de aprofundar a discussão sobre consumo sustentável, além de investimento responsável. Assuntos que, apesar de terem despertado curiosidade, demandam tempo e precisam ser sempre discutidos.

A experiência provou, de maneira semelhante, como a educação financeira transforma a comunidade escolar. Alguns alunos relataram a reflexão do que aprenderam no contexto familiar, participando em conversas sobre o orçamento doméstico, e como reduzir gastos também. Essa visão multiplicadora ressalta a importância de projetos escolares que vão além da escola, com impacto social.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Planejando a Vida: Simulações de Situações Reais em Orçamento e Planejamento Pessoal” cumpriu o planejado, apresentando aos estudantes do ensino médio uma vivência real e cuidadosa sobre o uso sensato do dinheiro. Através de atividades diversas, foram trabalhadas competências importantes para a vida, inclusive saber decidir, organizar as finanças e controlar gastos.

Os resultados apontam que essa forma prática de ensinar, adaptada à realidade, funciona bem para aprender sobre economia, especialmente para jovens que estão começando a viver sozinhos. A experiência mostrou que, quando a educação financeira é ensinada de um jeito legal, ela não só ajuda a entender os conceitos, mas também ajuda a criar valores de ética e responsabilidade na economia.





Para melhorar, vimos que precisava de mais tempo para entender os assuntos mais a fundo, e também que era recomendável articular o conteúdo com outras áreas do conhecimento.

Para as futuras edições, seria bom expandir o projeto além destes ciclos de ensino, reforçando as parcerias com bancos e a comunidade. Também, seria boa ideia incluir temas atuais, tipo finanças digitais e sustentabilidade econômica, para acompanhar as mudanças da nossa sociedade.

Assim, a educação financeira precisa estar sempre no currículo escolar, pois é algo vital pra todos serem bons cidadãos. Experiências como essas mostram que a escola pode e deve ser um lugar excelente pra formar indivíduos críticos e conscientes, sabendo como planejar e cuidar da própria vida, de um jeito independente, colaborativo e responsável.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. Aquisição e Retenção de Conhecimentos: uma Perspectiva Cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 10 out. 2025.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DEMO, P. Educação e Qualidade. Campinas: Papirus, 2000.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. Financial Literacy and Economic Outcomes: Evidence and Policy Implications. Journal of Economic Literature, v. 52, n. 1, p. 5–44, 2014.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2001.





OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Financial Education and Inclusion: OECD/INFE Policy Handbook. Paris: OECD, 2020.

SAVIANI, D. Escola e Democracia. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

